

TRADUÇÃO | TRANSLATION

O PRIMEIRO POVOAMENTO DA COSTA DESÉRTICA DO PERU^a

THE FIRST SETTLEMENT OF THE DESERT COAST OF PERU

Claude Chauchat^b

Jacques Pelegrin^c

Tradução de Juliana de Resende Machado^d

^a Artigo original: CHAUCHAT, Claude; PELEGRIN, Jacques. Le premier peuplement de la côte désertique du Pérou. *Bulletin de la Société préhistorique française*, Le peuplement préhistorique de l'Amérique, tomo 91, n. 4-5, p. 275-280, 1994. <https://doi.org/10.3406/bspf.1994.9736>.

^b Claude Chauchat - Pesquisador CNRS aposentado, membro associado do Laboratório Archéologie des Amériques (ArchAm UMR8096). E-mail: cchauch@gmail.com. ORCID : <https://orcid.org/0009-0004-6787-1625>.

^b Jacques Pelegrin - Pesquisador CNRS do Laboratório Technologie et Ethnologie des Mondes Préhistoriques (TEMPS UMR8068). E-mail : jacques.pelegrin@cnrs.fr. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0671-128>.

^d Professora do Departamento de Ciências Sociais e Humanidades da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG Unidade Cláudio. Pesquisadora pós-doutoranda do Laboratório Technologie et Ethnologie des Mondes Préhistoriques (TEMPS UMR8068). E-mail: ju.drmachado@hotmail.com, juliana.machado@uemg.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9975-4571>

Peru, país da América do Sul, cuja arqueologia é a mais bem conhecida. O conhecimento abrange o vasto território interiorano do país, onde todos os climas do planeta estão representados. Quanto à planície litorânea do oceano Pacífico, apesar de ter sido muito pesquisada, as origens do povoamento ainda são obscuras. Um dos motivos seria o fascínio que muitas gerações de arqueólogos, frequentemente vindos do Estados Unidos, têm pelas grandes civilizações da região. Outro motivo seria que estes mesmos pesquisadores, com raras exceções, apresentam lacunas na sua formação a respeito dos instrumentos líticos ainda nos nossos dias.

As pesquisas mais completas sobre a Pré-história da costa do Peru são realizadas há 20 anos por uma equipe franco-peruana na região desértica de Cupisnique, localizada ao norte da atual cidade de Trujillo, à 7° 30 sul, portanto próximo à borda norte deste deserto costeiro – FIG. 1.

Desde 1972, a estratégia empregada para elucidar este povoamento original consistiu em escolher uma região restrita e estudá-la completamente, para que ela pudesse servir de comparação àqueles raros testemunhos pré-existent e de motivação/incitação para a expansão das pesquisas. Vinte anos depois, mesmo com esta região começando a se tornar bem conhecida, cada resposta aos nossos primeiros questionamentos suscitaram uma enxurrada de novas questões e ainda não vemos um fim para este estudo. Entretanto, ainda não é possível apresentar uma síntese que se estenda pela fachada pacífica dos Andes, ou seja, Cupisnique ainda é, em larga medida, a única região realmente bem conhecida.

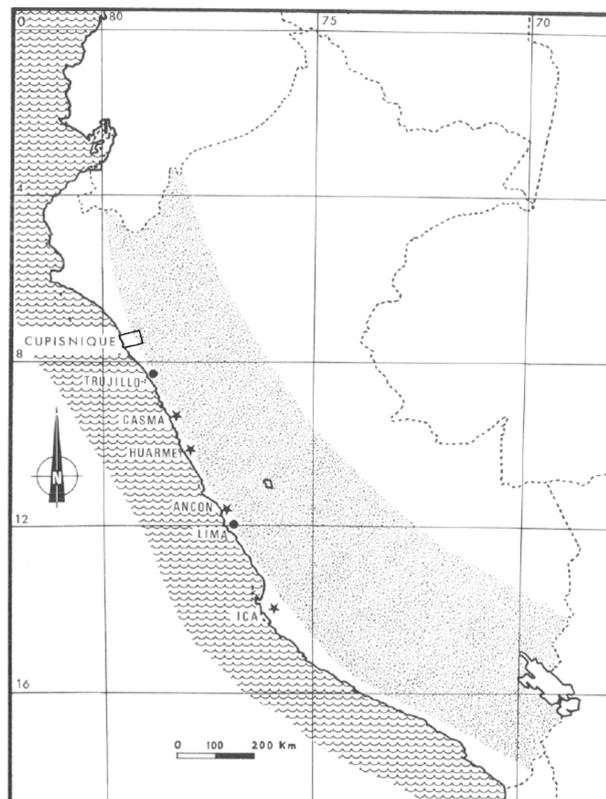


Figura 1 – Mapa do Peru e localização de Cupisnique. Em cinza, a cordilheira dos Andes; os círculos representam as cidades principais; as estrelas representam os indícios de Paijanienses assinalados no texto. Fonte: Chauchat e Pelegrin (1994).

COMO CITAR ESTE ARTIGO

CHAUCHAT, Claude; PELEGRIN, Jacques. O primeiro povoamento da costa desértica do Peru. Cadernos do Lepaarq, v. XX, n.39, p. 347-361 Jan-Jun. 2023.

CHAUCHAT, Claude; PELEGRIN, Jacques. O primeiro povoamento da costa desértica do Peru.

Este estudo regional foi facilitado pelo fato de que todos os sítios são ou afloram em superfície, em função da aridez do clima que impossibilita qualquer depósito que não seja uma fina película de areia eólica, isso, aparentemente, desde o início do Holoceno. A sedimentação pleistocênica no piemonte do jovem e sempre ativo maciço andino pode ter sido rápida e potente, e nós não sabemos se os grupos humanos mais antigos poderiam ter vivido ali antes do início do Holoceno. Os numerosos restos de megafauna americana extinta, que afloram na superfície do deserto, não foram modificados pelas ações humanas e não se encontram associados a instrumentos. Os perfis alocados nas áreas com aluviões também não apresentam vestígios resultantes da ação humana. Assim, supomos que a região estava despovoada de grupos humanos no Pleistoceno final (COLLINA-GIRARD; GUADELLI; USSELMANN, 1992).

O deserto peruano resultou da inversão de temperatura provocada pelas subidas de água fria da corrente de Humboldt que impede qualquer precipitação e conduz a um clima fresco e brumoso ao longo da costa.

A região de Cupisnique se estende por 30 Km bordeando o oceano Pacífico e 60 Km da costa até a primeira linha de cristas dos Andes, por volta de 3 mil metros de altitude. Ela está limitada ao norte e ao sul por dois vales-oásis - FIG. 2. Quando se deixa a costa em direção ao interior, percebe-se que a vegetação, inicialmente quase ausente, aumenta gradualmente em densidade e em número de espécies, seguindo uma repartição por zonas ecológicas paralelas às linhas de altitude e à linha do litoral, e a distância do mar é um fator importante do clima (TOSI JR., 1976 [1960]; CHAUCHAT, 1987).

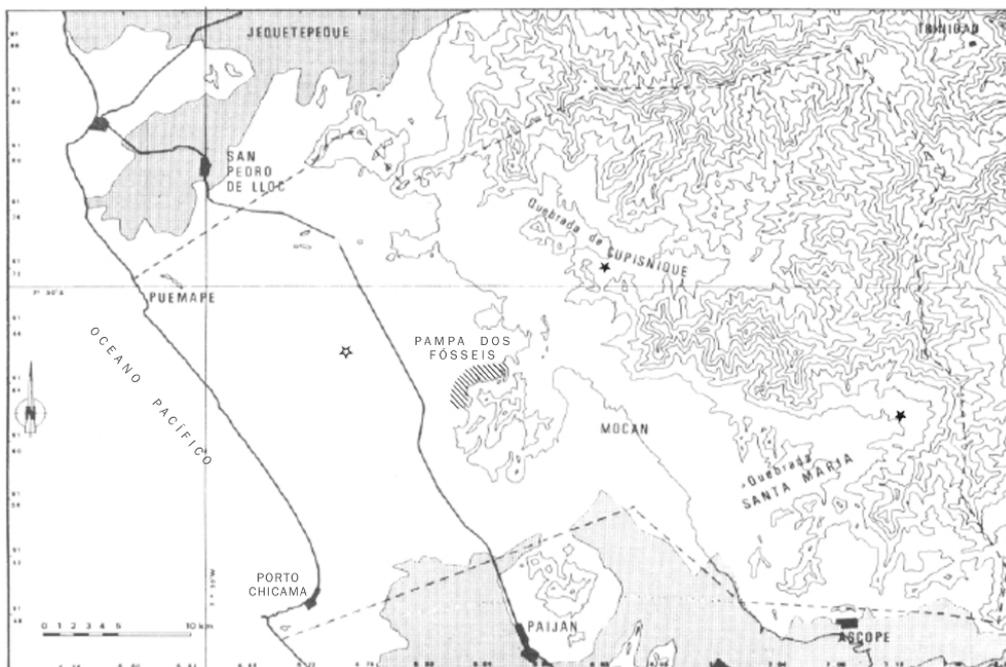


FIGURA 2 – Mapa de região de Cupisnique. Equidistância das curvas: 200 m. Hachuras: os sítios pajanienses de Pampa dos Fósseis; estrela branca: sítio paleontológico de Pampa dos Fósseis; Estrelas pretas: sepulturas estudadas da zona interior e sítio 130 da Quebrada Santa María. Fonte: Adaptada de Chauchat e Pelegrin (1994).

O PAIJANIENSE

A primeira ocupação humana da região foi encontrada a 40 Km da costa atual e a 800 m de altitude, em um vale seco denominado Quebrada de Santa María – escavações de J. Briceño – localizado na fachada ocidental dos Andes. O sítio 130 engloba vários ateliês de lascamentos e habitações, reunidos em dois terraços aluviais adjacentes. Um afloramento de quartzo situado nas proximidades foi utilizado para o lascamento de pontas bifaciais. Os instrumentos encontrados nas duas habitações são principalmente em tufo vulcânico.

No único ateliê escavado, as pontas de projétil apresentam uma forma clássica conhecida em toda América do Sul e América Central (MIRAMBELL, 1994). O limbo¹ é curto, a base ligeiramente retraída, formando um pedúnculo largo com a extremidade inferior côncava, dando-lhe uma forma característica em rabo de peixe – FIG. 3, n. 1 e 2. Às vezes, existe uma canelura basal, tal como as pontas Clovis da América do Norte. Neste ateliê, estas pontas estão associadas com outras de um tipo diferente, de pedúnculo estreito e a parte superior acuminada, conhecidas pelo nome de ponta de Paiján² – FIG. 3, n. 3 a 7. Essa ponta está associada a todos os outros sítios sem cerâmica da região – FIG. 4 –, por isso denominamos essa indústria de Paijaniense.

No resto da região, os sítios a céu aberto Paijaniense são, por um lado, jazidas e ateliês destinados à produção dessas pontas e, por outro, habitações separadas onde as pontas e seus rejeitos de lascamento são raros. Nestas habitações, o pisoteio dos homens pré-históricos sobre o solo arenoso e a baixa deflação eólica permitiu a conservação em superfície de restos abundantes de microfauna, além de fogueiras e de valas. Os restos de peixes marinhos – às vezes de tamanho grande – são predominantes até 20 Km de distância da costa atual. Eles também estão presentes mais distante, em direção ao interior, onde pudemos penetrar, ou seja, a 40 Km da costa atual. Estes restos estão acompanhados por restos de lagartos, de alguns pássaros, de roedores, de um pequeno canídeo e de caracóis terrestres. A alimentação vegetal, talvez algaroba³, é atestada pela presença de mós.

O Paijaniense é a evolução local da indústria paleoíndia de pontas em rabo de peixe. A substituição de uma forma de ponta por uma outra nos parece ligada a uma mudança de subsistência – as pontas de Paiján sendo bem adaptadas a uma penetração profunda na carne mole, como a do peixe, indispensáveis para segurar a presa e fixadas em uma haste de junco, suscetível de flutuar. Em outras circunstâncias, essa mudança teria servido como uma pedra de toque

1 Nota da tradutora: o termo limbo – *limbe* – refere-se às faces da parte aparente ou ativa da ponteira, numa alusão ao limbo das folhas.

2 Nota da tradutora: no caso das pontas Paiján, segundo Pelegrin – *comunicação pessoal* – conjectura-se que elas seriam mantidas a mão e não arremessadas, ou comporiam a ponteira um arpão – um instrumento composto formado por uma haste e uma amarração que permite recuperar o instrumento com a presa.

3 Nota da tradutora: segundo Ribaski *et al.* (2009), a algaroba ou a algarobeira é uma árvore da família das leguminosas pertencente ao gênero *Prosopis*. As mais de 40 espécies conhecidas estão distribuídas nos continentes americano, asiático e africano. Nas Américas, a algarobeira ocorre naturalmente nas regiões ocidentais mais secas, como o Peru. No Brasil, sua introdução ocorreu a partir de 1942, sendo cultivada principalmente na região nordeste. Os frutos dão-se em forma de vagem e são uma importante fonte de carboidratos e proteínas, principalmente para as regiões mais secas.

para diagnosticar duas culturas diferentes, possuidoras de dois fósseis diretores diferentes: ora, neste caso, trata-se da mudança de um único tipo de objeto, levada por razões funcionais e sem influência direta sob o resto da cultura. Entretanto, a passagem de uma economia de caça terrestre para uma economia de exploração dos recursos marinhos pode provocar mudanças importantes e concomitantes na cultura.

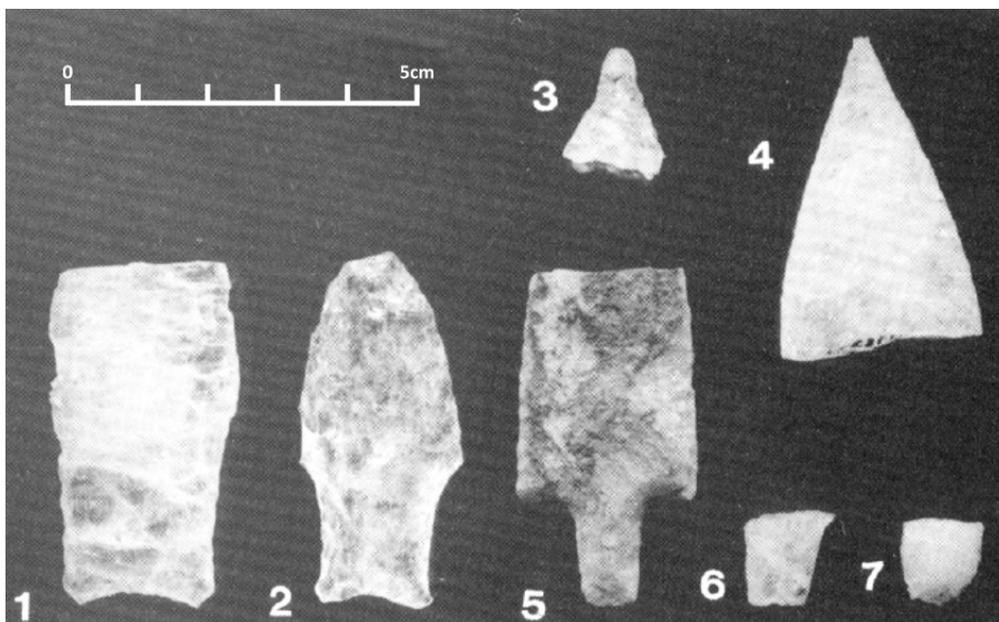


FIGURA 3 – Quebrada de Santa María, sítio 130, unidade 1, nº 1 e 2: pontas em rabo de peixe; nº 3 a 7: pontas de Paijân. Peças em quartzo, exceto a nº 5, em riolito. Fonte: Adaptada de Chauchat e Pelegrin (1994).

O resto dos instrumentos líticos não parece muito diferente nessas duas fases. Trata-se de raspadeiras ovais que, por desgaste, se transformam em lesmas. Essas peças unifaciais encontram-se associadas às pontas nos ateliês – FIG. 5). Nos instrumentos ordinários, faltam os raspadores e os buris – que não são laminares – e comportam essencialmente instrumentos denticulados e lascas não retocadas ou “instrumentos *a posteriori*”: facas com o dorso natural, *tranchets*⁴, instrumentos com macrotraços de utilização – bordos com marcas de percussão sobre um material duro, como osso ou madeira seca – etc., além de um pequeno número de instrumentos sobre seixo (CHAUCHAT, 1992).

Os primeiros habitantes do litoral peruano não consumiram a megafauna pleistocênica da América do Sul presente nesta região, a ponto de um dos sítios ser denominado “Pampa dos Fósseis”. Mesmo com os restos dessa fauna aflorando em superfície, eles ainda pertencem ao pacote sedimentar, estando, portanto, sob o nível Paijaniense, que se encontra sobre a superfície do deserto. Geralmente, os animais identificados são grandes herbívoros. Os primeiros encontrados na região foram associados aos gêneros *Neochoeerus*, um roedor gigante semelhante à capivara atual, e *Palaeolama*, um grande camélideo. Frequentemente encontra-se restos de equídeos

4 Nota da tradutora: Segundo LECLERC E TARRÊTE (2005, p. 1113) o *tranchet* “é um instrumento com um gume transversal (retilíneo) constituído pelo encontro de duas superfícies lascadas e delimitado por dois bordos com retoques mais ou menos abruptos”.

fósseis, *Equus (Amerhippus) Santa-Helenae*. Os restos de proboscídeo, provavelmente *Haplomastodon*, também são encontrados, assim como diferentes edentados gigantes: *Eremotherium*, um megaterídeo; *Scelidodon*, um milodonte; *Pampatherium*, um tatu gigante – determinações de Hoffstetter). Os primeiros resultados da datação radiocarbônica desses fósseis estavam compatíveis com a hipótese da contemporaneidade dessa megafauna com o Paijaniense. Percebe-se, agora, que essas datas devem ser consideradas como mínimas. Nas análises recentes de amostras coletadas nesta região não se extraiu colágeno suficiente; elas foram, pois, datadas pelo método de Urânio/Tório por C. Falguères no Instituto de Paleontologia Humana (IPH), do Museu Nacional de História Natural, em Paris. As datas obtidas vão de 14 mil a 23 mil anos BP, o que confirma sua anterioridade com relação ao Paijaniense.

Cerca de vinte sepultamentos foram escavados. Eles estavam localizados às margens das habitações e muitos estavam erodidos por causa da pouca profundidade das covas. Os três primeiros sepultamentos foram descobertos em Pampa dos Fósseis, ou seja, na planície costeira. Durante a prospecção no interior da região, nos vales secos no sopé dos Andes, muitos sítios de habitação foram descobertos e os indícios de sepultamento aflorando em superfície tornaram-se mais numerosos. Tal abundância, associada a habitações numerosas e ricas em vestígios, indica que o *habitat* preferencial dos Paijanienses se encontrava nesta zona e não na planície costeira, onde as habitações são frequentemente efêmeras e associadas quase exclusivamente à exploração das matérias-primas para o lascamento das pontas de Paiján. Dois desses sepultamentos do interior, infelizmente muito remexidos, estão associados ao sítio com pontas em rabo de peixe, já mencionadas, e nenhum dado indica se tratar de uma cultura ou de uma população diferente. Estes sepultamentos nos informam a respeito do tipo físico dos Paijanienses e sobre os seus ritos funerários (LACOMBE, 1994).

Indícios escassos, consistindo em alguns raros sítios e por vezes objetos isolados, permitem pensar que o Paijaniense existiu sobre uma grande parte do deserto costeiro peruano – FIG. 1. Jazidas que serviram para a extração de matéria-prima e a produção do esboço de pré-formas bifaciais características da cadeia operatória do lascamento das pontas de Paiján são conhecidas em Huarmey (BONAVIA, 1979, 1982) e na periferia norte de Lima (PATTERSON, 1966). Existem alguns sítios de ateliê e de habitação no vale de Casma, cuja região é a mais bem conhecida (UCEDA 1986, 1992), e nos arredores de Ancón (LANNING, 1963). Enfim, pontas isoladas e um ateliê de lascamento foram identificados no deserto de Ica, a 250 Km ao sul de Lima, portanto a aproximadamente 800 Km de Cupisnique (CHAUCHAT; BONAVIA, 1990).

A evolução ulterior do Paijaniense é mal conhecida. É possível que a aridificação rápida do litoral no início do Holoceno tenha forçado os últimos caçadores-coletores a uma maior dependência dos recursos litorâneos e ao abandono das pontas de pedra lascada por volta de 7.000-8.000 anos BP. Somente sítios do Pré-cerâmico tardio são encontrados na área costeira, período análogo ao Neolítico do Velho Mundo. O nível marinho atinge o zero atual por volta de 5.000 BP e torna-se, em seguida, ligeiramente positivo durante um curto período. Se sítios litorâneos existiram durante o Paijaniense e até o momento desse máximo do nível marinho, eles foram inevitavelmente varridos

pelo avanço das marés. Dessa forma, é de se esperar que exista um período obscuro entre o momento do abandono das últimas pontas em pedra e as primeiras ocupações do Pré-cerâmico tardio, contemporâneo a esse alto nível das marés. Com a aparição das primeiras plantas cultivadas, que parecem ter sido importadas dos altos vales andinos – ao menos uma parte delas –, e depois, com o surgimento da cerâmica, subsiste e se desenvolve uma forte exploração dos recursos marinhos. Até o século XX esta é uma constante do modo de vida no litoral peruano.

Alguns indícios parecem indicar igualmente que grupos originados do Paijaniense poderiam ter sobrevivido em um *habitat* mais favorável nos vales do interior, aos pés dos Andes (DILLEHAY; NETHERLY; ROSSEN, 1989; DILLEHAY; ROSSEN; NETHERLY, 1992).

TECNOLOGIA LÍTICA DAS PONTAS DE PAIJÁN

A abundância de vestígios de ateliês de pontas de projétil em superfície, particularmente em Pampa dos Fósseis, além da evidente complexidade e dificuldade de sua obtenção, incitou-nos a empreender um programa de pesquisa em tecnologia lítica abordando a cadeia operatória de sua produção e sua significação (PELEGRIN; CHAUCHAT, 1993).

Testes experimentais de lascamento de pontas de Paiján foram realizados com um objetivo duplo, a saber: sob um aspecto qualitativo, cujo objetivo é definir os restos característicos dos diferentes suportes e as fases técnicas da cadeia operatória, precisar as técnicas de lascamento e os graus de *savoir-faire* envolvidos; e sob um aspecto quantitativo, cujo objetivo é estimar a quantidade de restos de lascamento produzidos em peso e em número para cada etapa da produção das pontas, e o tempo de trabalho médio correspondente.

Os testes foram precedidos de uma análise minuciosa de séries arqueológicas – escavações de C. Chauchat e S. Uceda –, além do exame de peças diretamente nos sítios de extração de matéria-prima e nos ateliês não escavados – as peças foram analisadas e recolocadas no solo. A partir desse momento, o arqueólogo deve raciocinar “tecnologicamente”, ou seja, um esboço ou uma pré-forma inteira abandonada na jazida de extração ou no ateliê é considerada defeituosa pelo lascador pré-histórico, enquanto uma peça quebrada, para o pré-historiador, pode ser mais representativa do desenvolvimento normal da cadeia operatória até a sua fratura. Baseando-se em uma extensa experiência de lascamento bifacial e nas primeiras tentativas com as rochas locais, essas observações confirmaram e precisaram plenamente as conclusões obtidas anteriormente durante a observação e a escavação dos ateliês e das jazidas de extração.

Além disso, os testes respeitaram as condições técnicas arqueológica, a saber: como percutores, utilizou-se de seixos de origem local para a percussão direta dura e porretes em madeira de algaroba – espécie selvagem ainda presente na região – para a percussão direta orgânica; e como compressores, utilizou-se de pequenas varas em madeira, osso e chifre de cervídeo – ainda que raro, o cervo andino era conhecido – para o retoque por pressão. Quanto à matéria-prima, foram utilizadas diferentes rochas eruptivas exploradas pelos Paijanienses.

Treze testes de lascamento de pontas de Paiján foram realizados, documentados com fotografias, descrições, contagens, mensurações e pesagens dos restos de lascamento, sequência por sequência. As principais conclusões, síntese entre as observações arqueológicas e experimentais, são apresentadas na sequência.

No próprio afloramento, a fase 1 conduz ao primeiro esboço – a “biface Chivateros” – pelo lascamento com percutor duro de três tipos de suportes: grandes lascas, plaquetas regularizadas, pequenos blocos ou fragmentos façoados. É uma fase breve, de alguns minutos, mas decisiva: rejeitam-se peças insatisfatórias – muito espeças, curtas, de matéria defeituosa etc. – ou quebradas. Levam-se consigo peças em esboço que se estimam corretas.

As fases seguintes ocorrem nos ateliês.

A fase 2 leva ao desbaste do primeiro esboço em uma peça foliácea a partir da retirada de lascas cobridoras com o percutor orgânico. As primeiras lascas – fase 2a – são bem identificáveis e indicam a natureza do suporte lascado – lasca cortical, espessa, de tipo Kombewa. As seguintes – fase 2b – têm o aspecto de lascas solutrenses típicas, ou seja, suficientemente largas, finas, pouco arqueadas.

A fase 3 tende a reduzir a peça foliácea a partir de pequenas lascas invasoras, destacadas com um pequeno percutor orgânico.

A fase 4 é a do retoque por pressão, que aparentemente necessita de um compressor em chifre de cervo para evidenciar as aletas e o pedúnculo e afinar a ponta, talvez mesmo uma bequiha de ombro, resultando nas potentes retiradas por pressão visíveis no corpo de algumas pontas arqueológicas.

Segundo a dimensão das pontas experimentais, as fases 2 e 3 duram de 40 min a 1h 30min, enquanto a fase 4, de 30min a 1h 30min, ou seja, um pouco mais de uma hora para as pequenas peças de aproximadamente 11 cm de comprimento e até 3h para uma grande peça de 17 cm.

Os testes mostram a boa estabilidade no peso e no número de lascas produzidas durante as fases 2 a 4 para as pontas de mesmo comprimento. Mostram também uma boa correlação entre essas contagens e o comprimento das pontas obtidas. Por exemplo, 1.312 lascas ou fragmentos de ao menos 2 cm de dimensão máxima correspondem ao tamanho de aproximadamente 10 pontas de comprimento médio – 13-14 cm –, ou 6 grandes pontas de 17 cm, ou ainda 17 pequenas pontas – 10-11 cm – com uma incerteza de 1 a 3. A dimensão máxima do esboço do qual elas se originam permite estreitar essa incerteza, passando de 1 a 2.

Todas as pontas de Paiján expressam a vontade de um afinamento frequentemente caricatural de sua ponta, de um pedúnculo suficientemente longo e robusto, repetidamente estrangulado e com espinhos⁵ bem discretos – a FIG. 4 –, sempre agudos, ao passo que o retoque por pressão sobre os riolitos⁶, os cineritos⁷ ou os quartzitos é, às vezes, demorado, árduo e delicado,

5 Nota da tradutora: designa a extremidade das aletas que forma uma ponta mais ou menos aguda.

6 Nota da tradutora: segundo Guerra (1993), trata-se de uma rocha efusiva originada do magma granítico e com uma textura porfírica ou felsítica. Também pode ser chamado de liparito.

7 Nota da tradutora: de acordo com Guerra (1993) cineritos são depósitos de cinzas vulcânicas que passaram por um processo de cimentação. Denominação dada ao tufo vulcânico ou tufito.

no limite do possível para evidenciar o pedúnculo e as aletas e afinar a ponta de maneira demarcável. Essas características tão pronunciadas respondem, sem nenhuma dúvida, a imperativos relacionados com a sua utilização. Essas pontas são concebidas para penetrar profundamente ou mesmo transpassar, a fim de melhor reter uma presa móvel e potente, que poderiam escapar se a ponta e a haste não permanecessem unidas a ela. Dessa forma, essas pontas eram destinadas à pesca de espécies de grande porte⁸, como sugerido pela ausência de mamíferos terrestres e pela presença sistemática de vértebras de peixes de um tamanho considerável nos sítios Paijanienses.

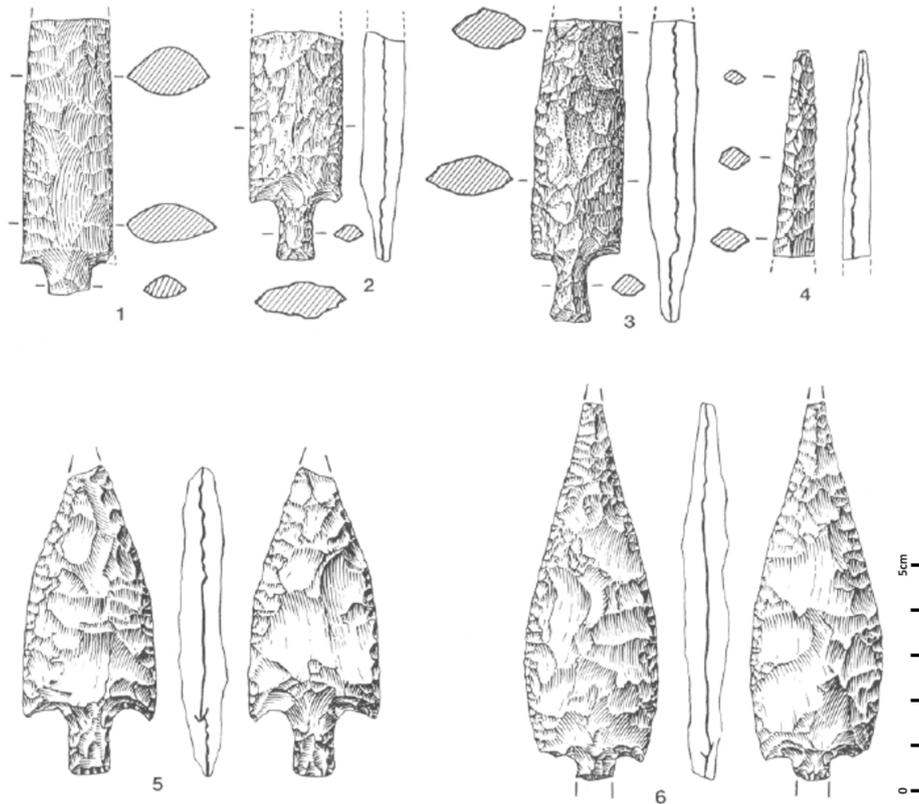


FIGURA 4 – Formas de pontas de Paijân. No alto, pontas estreitas e extremidade apical quebrada durante o retoque; em baixo, pontas largas. Desenhos de Pierre Laurent⁹, nº 2, 3, 4; Jean-François Deridet: nº 5 e 6; Claude Chauchat, nº 1. Fonte: Adaptada de Chauchat e Pelegrin (1994).

Entretanto, armaduras muito mais simples e fáceis de se realizar também teriam sido eficazes, tais como simples lascas alongadas e retocadas ou ponteiras em madeira dura, em uma ou muitas peças. De fato, é o peso propriamente cultural da tradição paleoíndia quanto ao seu conceito de armadura de projétil que se exprime, a saber, ponta em uma peça, em rocha dura, de feçonagem bifacial e retocada por pressão. Este conceito, em sua versão adaptada à caça, manifesta-se pela vasta distribuição das pontas bifaciais da linhagem Sandia-Clovis-Folsom, a qual se

8 Nota da tradutora: optou-se por traduzir “*pêche au gros*” em pesca de espécies de grande porte – ou mais literalmente pesca pesada. A expressão pesca de grande porte é encontrada em artigos científicos de pesquisadores brasileiros de diferentes áreas do conhecimento, no entanto, além de grandes espécies, pode apresentar a conotação de larga escala produtiva, o que não é o esperado para grupos humanos do Holoceno Inicial. No português lusitano, encontrou-se a expressão pesca grossa. Já em língua inglesa, traduz-se por *big-game fishing*.

9 Nota da tradutora: Pierre Laurent (+ 1986), técnico de pesquisa no CNRS, Institut de Préhistoire et Géologie du Quaternaire, Université de Bordeaux I.

acrescenta as pontas “rabo de peixe”, conhecidas da América Central até a Patagônia.

Mas o peso da tradição e os imperativos funcionais não explicam tudo. Mesmo se o peixe representasse uma parcela capital da alimentação, ao menos em certos momentos do ano, e se a pesca e a fabricação de aparatos de pesca fossem estimadas como atividades críticas, consideramos que os lascadores de pontas de Paiján “incrementaram” a produção das pontas. Na verdade, a duração e a dificuldade de produção, e correlativamente os riscos de fratura, aumentam consideravelmente com a ampliação do comprimento das peças e o afinamento de sua ponta. A atitude mais econômica seria produzir pontas padrão com 10-11 cm de comprimento – baixa variação de peças arqueológicas – com um afinamento moderado da parte apical, o que diminuiria o risco de fratura.

Assim, o contraste aparece ainda mais forte entre o investimento consagrado a essas pontas e ao resto dos instrumentos, ditos “comuns”, grosseiramente debitados e retocados com o percutor duro, tão sumários e tão pouco carregados de informação que é difícil distinguir tipos, exceto os unificiais, cujo retoque invasor com percutor orgânico e, às vezes, por pressão parece vir das mesmas mãos que fizeram as pontas de Paiján – a FIG. 5.

O contraste também é notado na repartição espacial dos montes de lascamento de pontas de Paiján, frequentemente afastados dos outros locais de atividades que, por sua vez, são marcados pela presença de instrumentos líticos domésticos repetidamente concentrados em torno de uma mó. O contraste ainda é percebido nas matérias-primas, pois para os instrumentos comuns, elas eram retiradas das aluviões presentes nas imediações dos sítios. Por fim, o contraste está entre o caráter crítico da pesca, ao menos em sua preparação, e a coleta de recursos vegetais, caracóis e lagartos, cuja captura é particularmente fácil.

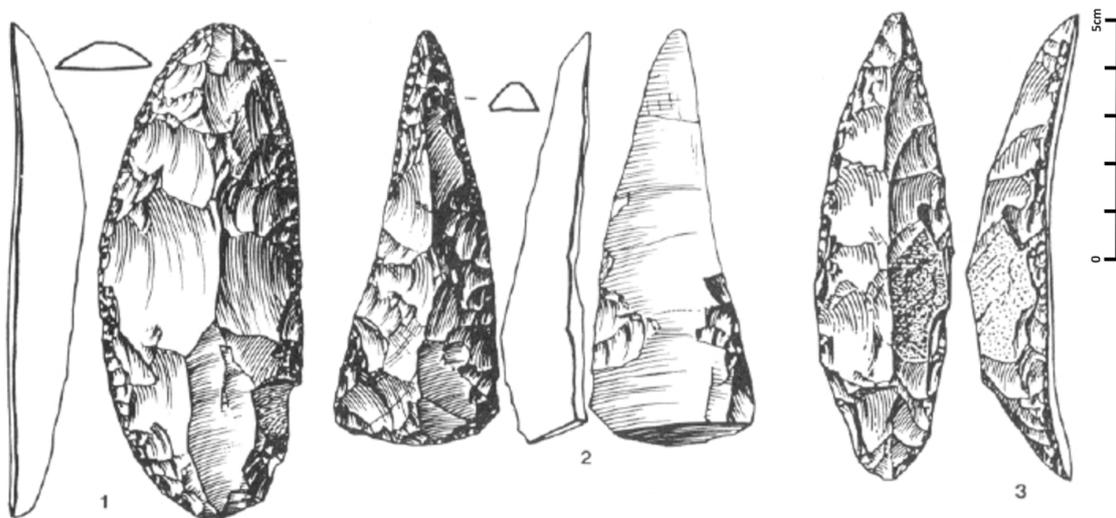


FIGURA 5 – Formas de unificiais rejeitados nos ateliês. Desenhos de Pierre Laurant. Fonte: Adaptada de Chauchat e Pelegrin (1994).

Estamos diante do caso de uma economia lítica claramente dividida, ou seja, a distinção se estendendo a todos os “momentos” de um processo totalmente desarticulado – local de extração e tipo de matéria-prima, técnica de lascamento e nível de *savoir-faire*, localização do ateliê,

destinação funcional dos produtos –; são muitos argumentos a favor de uma clara divisão de tarefas entre duas frações do grupo paijaniense. Não se pode esquecer da conclusão de Testart (1985) sobre a divisão sexual de atividades em grupos caçadores-coletores, que considera a exclusão universal das mulheres da caça e da pesca feita com armas ou aparatos perfurantes, assim como das atividades ligadas à produção desses instrumentos.

Portanto, propomos o seguinte modelo explicativo: a pesca de espécies de grande porte e toda a sua cadeia operatória de preparação, extração da matéria-prima, lascamento das pontas, produção das hastes e ligamentos – além do lascamento e o emprego dos unifaciais –, seria de responsabilidade de indivíduos de sexo masculino – adultos eficazes e adolescentes aprendizes. Como corolário, às mulheres e às crianças viria primeiro a aquisição de recursos alimentares que se “coletam”.

Nesse quadro, independentemente da importância efetiva da pesca de espécies de grande porte, o investimento específico em tempo e em cuidado empregado na produção das pontas de Paiján é um prolongamento daquele das pontas de caça da tradição paleoíndia. Não tendo muito o que se caçar na costa árida do Peru, os homens dos grupos paijanienses teriam totalmente ampliado, senão deslocado sem diminuí-la, da caça para a pesca; alguma coisa como o seu propósito de ser social, ao persistirem em demarcar a posição especial de suas atividades no seio do grupo através da qualidade de seus lascadores.

AGRADECIMENTOS

A Missão Arqueológica Francesa em Cupisnique foi financiada pelo Ministério das Relações Exteriores Francês e o CNRS e seus trabalhos de campo foram autorizados pelo Instituto Nacional da Cultura do Peru. A Missão beneficiou-se de um acordo de cooperação com a Universidade Nacional de Trujillo e com a colaboração de muitos arqueólogos peruanos, em particular D. Bonavia, S. Uceda, C. Galvez, J. Briceño.

AGRADECIMENTOS DA TRADUTORA

Ao *Bulletin de la Société Préhistorique Française* que autorizou essa tradução. Aos autores do artigo que, além de autorizarem, esclareceram algumas dúvidas. À Maurício José de Faria pela releitura atenta e correção do texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONAVIA, Duccio. Consideraciones sobre el complejo Chivateros. Arqueología Peruana. In: MATOS, Ramiro (Org.). *Seminario Investigaciones Arqueológicas en el Perú 1976*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, p. 65-74, 1979.
- BONAVIA, Duccio. El complejo Chivateros: una aproximación tecnológica. *Revista del Museo Nacional*, Lima: Museo Nacional, tomo 46, p. 19-37, 1982.
- CHAUCHAT, Claude. Niveau marin, écologie et climat sur la côte nord du Pérou à la transition Pléistocène-Holocène. *Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines*, Lima: IFEA, v. 16, n. 1-2, p. 21-27, 1987.
- CHAUCHAT, Claude. Early hunter-gatherers on the Peruvian coast. IN: KEATINGE, Richard W. *Peruvian Prehistory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 42-66.
- CHAUCHAT, Claude. L'approche technologique dans une étude régionale: le Paijanien de la côte du Pérou. IN: CRA (org.) *25 ans d'études technologiques en préhistoire*. Bilan et perspectives. Actes des Xie Rencontres Internationales d'Archéologie et d'Histoire d'Antibes du 18 au 20 octobre 1990. Juan-les-Pins: Éditions APDCA, 1991, p. 263-273.
- CHAUCHAT, Claude. *Préhistoire de la Côte Nord du Pérou: le Paijanien de Cupisnique*. Les cahiers du Quaternaire, n. 18. Paris: Éditions du CNRS, 1992.
- CHAUCHAT, Claude ; BONAVIA, Duccio. Presencia del Paijanense en el desierto de Ica. *Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines*, Lima: IFEA, v. 19, n. 2, p. 399-412, 1990.
- COLLINA-GIRARD, Jacques ; GUADELLI, Jean-Luc ; USSELMANN, Pierre. Mammifères disparus et premières occupations humaines. L'exemple nord-péruvien du désert de Cupisnique. IN: *Déserts: Passé, Présent, Futur*. Actes du 116^e Congrès National des Sociétés Savantes, Chambéry, 29-30 avril 1991. Paris: Éditions du CTHS, 1992, p. 111-132.
- DILLEHAY, Tom D., NETHERLY, Patricia J.; ROSSEN, Jack. Middle Preceramic Public and Residential Sites on the Forested Slope of the Western Andes, Northern Peru. *American Antiquity*, New York: Cambridge University Press, v. 54, n. 4, p. 733-759, 1989.
- DILLEHAY, Tom D.; ROSSEN, Jack; NETHERLY, Patricia J. Ocupación del Precerámico medio en la zona alta del valle de Zaña: ¿innovación o aculturación? IN: BONAVIA, Duccio (Ed.). *Estudios de arqueología peruana*. Lima: Fomciencias, 1992, p. 69-82.
- LACOMBE, Jean-Paul. Anthropologie physique des hommes précéramiques anciens du Pérou. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, Le peuplement préhistorique de l'Amérique, Paris: Société Préhistorique Française, tomo 91, n. 4-5, p. 281-289, 1994.
- LANNING, Edward P. A pre-agricultural occupation on the central coast of Peru. *American Antiquity*, New York: Cambridge University Press, v. 28, n. 3, p. 360-371, 1963.
- MIRAMBELL, Lorena. Recherches récentes sur le stade lithique au Mexique. *Bulletin de la Société préhistorique française*, Le peuplement préhistorique de l'Amérique, Paris: Société Préhistorique Française, tomo 91, n. 4-5, p. 240-245, 1994.
- PATTERSON, Thomas C. Early cultural remains on the central coast of Peru. *Ñawpa Pacha: Journal of Andean Archaeology*, Berkeley: Taylor & Francis, n. 4, p. 145-153, 1966.
- PELEGRIN, Jacques; CHAUCHAT, Claude. Tecnología y función de las puntas de Paiján: el aporte

de la experimentación. *Latin American Antiquity*, New York: Cambridge University Press, v. 4, n. 4, p. 367-382, 1993.

TESTART, Alain. *Le communisme primitif: Economie et Ideologie*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 1985.

TOSI JR, J. *Mapa Ecológico del Perú*. Lima: ONERN, 1976 [1960]. 1 mapa, color., Escala: 1: 1.000.000.

UCEDA, Santiago. *Le Paijanien de la région de Casma (Pérou): industrie lithique et relations avec les autres industries précéramiques*. (Tese de Doutorado) Université de Bordeaux I, Bordeaux, França, 1986.

UCEDA, Santiago. Industrias líticas Prececerámicas en Casma. In: BONAVIA, Duccio (Ed.). *Estudios de arqueología peruana*. Lima: Fomciencias, 1992, p. 45-67.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS CITADA PELA TRADUTORA

CHAUCHAT, Claude; PELEGRIN, Jacques. Le premier peuplement de la côte désertique du Pérou. *Bulletin de la Société préhistorique française*, Le peuplement préhistorique de l'Amérique, tomo 91, n. 4-5, p. 275-280, 1994.

GUERRA, Antônio Teixeira. *Dicionário geológico-geomorfológico*. 8. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

LECLERC, Jean; TARRÊTE, Jacques. Tranchet. IN: LEROI-GOURHAN, André (Dir.). *Dictionnaire de la Préhistoire*. 2. ed. Paris: Quadrige/Presses Universitaires de France, 2005, p. 1113.

RIBASKI, Jorge; DRUMOND, Marcos Antônio; OLIVEIRA, Visêlto Ribeiro; NASCIMENTO, Clóvis Eduardo de Souza. *Algaroba (Prosopis juliflora): árvore de uso múltiplo para a região semiárida brasileira*. Colombo: Embrapa Florestas, 2009, 8 p. (Comunicado Técnico, 240).

LISTA DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DOS AUTORES SOBRE O TEMA

Acrescentamos a esta tradução um compilado de referências produzidas pelos autores sobre o tema. As referências estão organizadas em ordem cronológica de aparição das publicações.

CHAUCHAT, Claude. Ensayo de tipología lítica del Prececerámico peruano. *Revista del Museo Nacional*, Lima: Museo Nacional, tomo 38, p. 125-132, 1972.

CHAUCHAT, Claude. The Paiján Complex, Pampa de Cupisnique, Peru. *Ñawpa Pacha: Journal of Andean Archaeology*, Berkeley: Taylor & Francis, v. 13, n. 1, p. 85-96, 1975.

CHAUCHAT, Claude. El Paijanense de Cupisnique; problemática y metodología de los sitios líticos de superficie. *Revista del Museo Nacional*, Lima: Museo Nacional, tomo 43, p. 13-26, 1977.

CHAUCHAT, Claude. Additional observations on the Paiján complex. *Ñawpa Pacha: Journal of Andean Archaeology*, Berkeley: Taylor & Francis, v. 16, n. 1, p. 51-64, 1978.

CHAUCHAT, Claude; DRICOT, Jean M. Un nouveau type humain fossile en Amérique du Sud: l'Hom-

me de Paiján (Pérou). *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences*, tomo 289, p. 387-389, 1979.

CHAUCHAT, Claude; ZEVALLOS QUIÑONES, Jorge. Una Punta en Cola de Pescado Procedente de la Costa Norte del Perú. *Ñawpa Pacha: Journal of Andean Archaeology*, Berkeley: Taylor & Francis, v. 17, n. 1, p. 143-146, 1979.

CHAUCHAT, Claude; LACOMBE, Jean-Paul. El Hombre de Paiján: ¿El Más Antiguo Peruano? *Gaceta Arqueológica Andina*, Lima: Instituto Andino de Estudios Arqueológicos, n. 11, p. 4-6, 1984.

CHAUCHAT, Claude. Niveau marin, écologie et climat sur la côte nord du Pérou à la transition Pléistocène-Holocène. *Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines*, Lima: IFEA, v. 16, n. 1-2, p.21-27, 1984.

CHAUCHAT, Claude. Early hunter-gatherers on the Peruvian coast. In: KEATINGE, Richard W. *Peruvian Prehistory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 42-66.

CHAUCHAT, Claude; DEMARS, Pierre-Yves. Structures de combustion et de chauffage dans le Paijanién de Cupisnique, côte nord du Pérou. IN: OLIVE, Monique e TABORIN, Yvette (Org.). *Nature et fonction des foyers préhistoriques*. Actes du Colloque International de Nemours, 12 a 14 de maio de 1987, Nemours: Association pour la recherche archéologique en Ile-de-France. (Mémoires du Musée de Préhistoire d'Ile de France, n. 2), p. 239-248, 1989.

CHAUCHAT, Claude. Les Paijaniens, premiers chasseurs-cueilleurs du versant pacifique des Andes. *Les dossiers d'Archéologie - Les Amériques: de la Préhistoire aux Incas*, Dijon: Éditions Faton, n. 145, p. 42-47, 1989.

BONAVIA, Duccio; CHAUCHAT, Claude. Presencia del Paijanense en el desierto de Ica. *Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines*, Lima: IFEA, v. 19, n. 2, p. 399-412, 1989.

CHAUCHAT, Claude; WING, Elizabeth; LACOMBE, Jean-Paul; DEMARS, Pierre-Yves; UCEDA, Santiago; DEZA, Carlos. *Préhistoire de la Côte Nord du Pérou: le Paijanién de Cupisnique*. Les Cahiers du Quaternaire, n. 18, Paris: Éditions du CNRS, 1989.

PELEGRIN, Jacques; CHAUCHAT, Claude. Tecnología y función de las puntas de Paiján: el aporte de la experimentación. *Latin American Antiquity*, New York: Cambridge University Press, v. 4, n. 4, p. 367-382, 1993.

CHAUCHAT, Claude; PELEGRIN, Jacques. Le premier peuplement de la côte désertique du Pérou. *Bulletin de la Société préhistorique française*, Le peuplement préhistorique de l'Amérique, tomo 91, n. 4-5, p. 275-280, 1994.

CHAUCHAT, Claude; BONAVIA, Duccio. Débuts de l'exploitation des ressources marines sur la côte du Pérou. IN: CAMPS, Gabriel (Org.). *L'homme préhistorique et la mer*. Actes du 120ème Congrès National des Sociétés Historiques et Scientifiques, Aix-en-Provence 1995. Paris: Éditions du CTHS, 1998, p. 427-436.

CHAUCHAT, Claude; GALVEZ, Cesar; BRICEÑO, Jesus; UCEDA, Santiago. *Sitios arqueológicos de la zona de Cupisnique y Margen derecha del valle de Chicama*. Série Património Arqueológico Zona Norte n. 4; Travaux de l'Institut Français d'Études Andines, n. 113, Trujillo, Lima: Instituto Nacional de Cultura, Instituto Francés de Estudios Andinos, 1998.

CHAUCHAT, Claude; BRICEÑO, Jesus. Paiján and Fishtail Points from Quebrada Santa María, North Coast of Peru. *Current Research in the Pleistocene*, Corvallis, Oregon: Center for the Study of the First Americans, Oregon State University, v. 15, p. 10-11, 1998.

- CHAUCHAT, Claude; PELEGRIN, Jacques. Projectile Point Technology and Economy: a case study from Paijan, North Coastal Peru. Trad. de Magen O'Farrell. Texas: Center for the Study of the First Americans, 2004.
- CHAUCHAT, Claude; WING, Elizabeth; LACOMBE, Jean-Paul; DEMARS, Pierre-Yves; UCEDA, Santiago; DEZA, Carlos. *Prehistoria de la costa norte del Peru: el Paijanense de Cupisnique*. Tradução de Santiago Uceda. Trujillo: Institut Français d'Études Andines, Patronato Huacas de Moche, 2006.
- BEAREZ, Philippe; DUFOUR, Elise; CREDOU, Julie; CHAUCHAT, Claude. Les Paijaniens de la Pampa de los Fósiles (Nord du Pérou, 11 000-8 000 BP): Pêcheurs, Chasseurs ou Opportunistes ? IN: VIALOU, Denis (Org.). *Peuplements et Préhistoire en Amériques*, Paris: Éditions du Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 2011, p. 233-246.
- CHAUCHAT, Claude. El sitio Paijanense Ascope 12 en la Quebrada de la Camotera y el grupo de Ascope, La Libertad, Perú. *Ñawpa Pacha: Journal of Andean Archaeology*, Berkeley: Taylor & Francis, v. 32, n. 1, p. 1-42, 2012.
- CHAUCHAT, Claude. Limaces and unifaces in the Paiján industry, Peru, and the early prehistory of America. *Lithic Technology*, v. 47, n. 3, p. 231-242, 2022.

Recebido em: 02/05/2023
Aprovado em: 15/05/2023
Publicado em: 14/06/2023